

CÂNONE LITERÁRIO: ARQUIVAMENTO E ANARQUIVO, NO VESTIBULAR DA UFMG

Leni Nobre de Oliveira
PUC-MG
UFMG

Ao analisarmos o conjunto de obras indicadas para o vestibular da UFMG ao longo de 30 anos, recolhemos um conjunto de dados que constituem um arquivo propício para se pensar cuidadosamente a respeito de algumas questões sobre o próprio arquivo, as formas de manutenção da memória, a pulsão de armazenamento e de manutenção de certa memória desejável, às custas do apagamento de outra memória não-desejável ou menos-desejável, no panorama da literatura brasileira. Faz-se imperativo, por isso, entender certos aspectos do arquivo, entre eles, quem seleciona para constituir o arquivo, como seleciona, por que seleciona, como arquiva, em que espaço arquiva e o que significa, por isso, o conjunto de obras indicadas em trinta anos para selecionar estudantes para o ingresso ao curso superior da UFMG. Questões como essas nos intrigam devido ao nosso objeto de interesse (o conjunto de obras indicadas para leitura), ao espaço em que se constituiu (Universidade Federal de Minas Gerais), ao objetivo com que foi constituído (indicação de leitura de obras para vestibulandos e conseqüente cobrança na prova comum a todos os candidatos a qualquer curso superior).

Quem seleciona e arquiva? "A quem cabe, em última instância, a autoridade sobre a instituição do arquivo? Como fazer as correspondências entre o memento, o índice, a prova e o testemunho?¹, pergunta Derrida. No caso de nossa investigação, torna-se bastante delicado responder a essa pergunta. Diríamos que aqueles que indicam as obras literárias e seus autores são os que selecionam o memorável, o que deve ser lido e mantido e, dessa forma, de modo

¹ DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. Uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 7.

inconsciente, compuseram o arquivo de 175 indicações, formado por 128 obras, que contemplam 83 autores de literatura brasileira. Aqueles que indicam as obras seriam como arcontes desse arquivo. Derrida ressalta que os arcontes foram os primeiros guardiães dos arquivos.

Não eram responsáveis apenas pela segurança física do depósito e do suporte. Cabiam-lhes também o direito e a competência hermenêuticos. Tinham o poder de *interpretar* os arquivos. Depositados sob a guarda desses arcontes, estes documentos diziam, de fato, a lei: eles evocavam a lei e convocavam a lei. Para serem assim guardados, na jurisdição desse *dizer a lei* eram necessários ao mesmo tempo um guardião e uma localização. Mesmo em sua guarda ou em sua tradição hermenêutica, os arquivos não podiam prescindir de suporte nem de residência.²

Se os arquivos dependiam de interpretação, guardião, suporte e residência, podemos considerar que a listagem de 175 indicações constituem-se como arquivo canônico cuja residência se torna a UFMG, tendo como suporte a COPEVE, como guardiães os componentes da banca de literatura brasileira.

É conveniente pensar que, do mesmo modo que nossa afirmação cultural comporta-se de forma agonística, em que várias culturas lutam por seus espaços, assim também deveria afirmar-se nosso cânone literário e esse arquivo com que lidamos. No entanto, o conceito de obra canônica tem sido formado pelo setor letrado dessa sociedade que tem acesso ao cânone e luta por sua preservação. Tal setor, considerado elite cultural pelo fato de deter uma cultura hegemônica, mas não representativa do pensamento e da prática de todos os segmentos sociais, coloca, enquanto exemplo e modelo, a cultura ocidental como válida para todos os setores da nação ou sociedade.

² DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. Uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 13.

Nesse caso, tomemos a Instituição UFMG que mantém os arquivos por ela constituídos. Neles estão presentes a indicação das obras, as questões elaboradas para avaliá-las, o manual do candidato com o programa a ser observado para a avaliação da leitura das obras, cadernos de respostas disponibilizados para o público. Por meio do espaço denominado COPEVE, a UFMG se institucionaliza um dos lugares onde se efetua o processo de constituição de arquivo, a partir de 1970, quando o vestibular se torna unificado.

Os organizadores da prova de Literatura brasileira do vestibular da UFMG desempenham o papel de arcontes já que escolhem obras, interpretam-nas, elaboram o programa para o candidato se preparar para a avaliação, redigem a prova, coordenam a correção das questões abertas, e, assim, interpretam as obras enquanto arquivo. Derrida considera que "todo arquivo (...) é ao mesmo tempo instituidor e conservador. Revolucionário e tradicional. Arquivo eco-nômico neste duplo sentido: guarda, põe em reserva, economiza, mas de modo não natural, isto é, fazendo a lei (nomos) ou fazendo respeitar a lei"³. Desse modo, esse arquivo adquire o caráter instituidor e conservador porque institui a leitura das obras, o conhecimento dos autores, enquanto conserva sua leitura e o debate sobre eles. Faz-se por meio da economia, pois não pode incluir todas as obras de uma vez, por isso limita uma média de recomendação para leitura de 5 obras por ano em seu vestibular. Essas obras pretendem-se ou podem-se interpretar como obras recomendáveis porque representativas de um arquivo de literatura brasileira. E o faz por meio de uma lei. Que lei permeia a indicação de tais obras? Como se selecionam as obras?

Ao se selecionarem as obras, percebe-se uma estrutura canonizante que age de forma inconsciente já que a banca da COPEVE/UFMG é alterada sempre. O arquivo formado pela indicação das obras pode não ter sido planejado ou constituído voluntariamente, mas de forma a representar sempre uma certa coletividade pensante da instituição, em relação ao que seria bom ler e como se deve ler. Dessa forma, pode estar inconscientemente arquivado nas questões e no programa de orientação ao candidato no Manual do candidato, o pensamento que percorreu os

³ DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. Uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 17.

anos 70 a 2000, a respeito do estudo e do conhecimento da literatura brasileira na UFMG e no cenário cultural brasileiro.

Os participantes da banca da COPEVE são professores da UFMG e a consciência coletiva, representada pelos arcontes, que estabelecem os parâmetros para a escolha das obras e avaliação de sua leitura, antecede a escolha dos próprios arcontes e torna-se por si mesma a norma, a regra e, por isso, esse arquivo pode ser também compreendido como ato consciente, baseado na lei que rege essa coletividade pensante. Quem, dessa forma, constitui o arquivo são os acadêmicos que têm poder institucionalizado para tal tarefa e que recebem autorização da cultura hegemônica para agendarem a preservação da cultura e, portanto, são mantidos e reconhecidos pelos segmentos considerados cultos da sociedade — a universidade é um desses espaços e o vestibular funciona como um instrumento da universidade na sociedade para perpetuar certa tradição cultural, inclusive uma determinada tradição literária.

Essa tradição é continuada através da escolha de obras canônicas ou de fácil inserção no cânone, na determinação de padrões de recepção dessas obras, através da linguagem já consagrada de que elas se constituem e na forma de avaliação de sua leitura através das provas de seleção do vestibular. Contudo, no caso do vestibular da UFMG, muitas vezes, o cânone é ressemantizado, quando obras consagradas têm como parceiros textos não-canônicos ou cujo processo de consagração é ainda inicial e incipiente.

O cânone, estando ligado a parâmetros da erudição, próprios da avaliação da academia, privilegia, muitas vezes, um conjunto de valores não comuns ao que é realmente coletivo numa nação, e transparece como um gosto imposto, com o qual o leitor contemporâneo tem dificuldade de se identificar. Dessa forma anarquiva obras e autores representativos de outras tendências, as que se mantêm nas margens. A globalização, disseminada via cinema, televisão, computação e cibernética, conseguida pelos produtos gerados por um número cada vez menor de agências

culturais, desterritorializa e desloca culturalmente qualquer objeto produzido por essa máquina, provocando a circulação de outros produtos culturais. Assim, fica muito difícil definir valores, porque se está completamente bombardeado por critérios e situações diferentes e se tem dificuldades em construir uma memória única e universalizante pelo fato de haver também dificuldades em selecionar informações para se armazenar. Os processos de arquivamento contemporâneos se fazem também via outros mecanismos de informação que não a leitura de obras literárias.

Respondidas essas questões (quem seleciona e em que espaço), nova questão se delineia. Como se seleciona e como se arquivar? Em nosso modo de entender, canonizar é também preservar na memória um bem cultural para possível reaproveitamento, portanto, é também um processo de constituição de arquivo. O cânone deve ser representativo como se pretende o arquivo. Os pressupostos tomados para que se instale a escolha das obras e, por isso, a sugestão de um cânone ou de um arquivo, no caso da escolha de obras literárias baseiam-se principalmente em padrões representativos daquele grupo que o organiza.

O cânone se instala de forma repetitiva. É perceptível uma constância na indicação de alguns autores e certas obras da literatura brasileira por exclusão/inclusão, pois o concurso vestibular constitui um espaço de eleição que, de forma recorrente, retoma obras e autores da tradição literária canônica. Há autores sistematicamente indicados e repetidos com apenas uma obra, como é o caso de Cecília Meireles (*Romanceiro da Inconfidência*), Monteiro Lobato (*Urupês*) e Manuel Antônio de Almeida (*Memórias de um sargento de milícias*). Das 175 indicações, 105 constituem obras indicadas três ou mais vezes, com apenas vinte e dois autores, para o vestibular unificado da UFMG.

A leitura da obra de Machado de Assis foi recomendada dezoito vezes, a de José de Alencar foi indicada dez vezes, seguida pelos textos de Graciliano Ramos, indicados oito vezes.

Juntos, os três autores mais sugeridos pela UFMG perfazem um total de 35 das 175 indicações da lista. Nessa repetição, transparece o interesse da UFMG de cultuar determinados autores e certas obras, para que se mantenham sendo discutidos e conhecidos por gerações diversas.

No agon, a violência da pulsão de morte transparece no embate e na exclusão de certos estilos, gêneros literários, autores, autoras, minorias. De acordo com nossa pesquisa, podemos visualizar dados que nos levam à conclusão de que o vestibular configura uma porta estreita para as obras não canônicas e mesmo para aquelas que apresentam indícios de inserção canônica, já que privilegia a tradição e utiliza a recorrência como um dos critérios de escolha: 22 escritores, com 63 obras, ocupam 105 das 175 indicações. Da lista dos escritores que aparecem uma só vez, constam nomes como Ariano Suassuna, Oswald de Andrade, Cláudio Manuel da Costa, Gregório de Matos, Tomás A. Gonzaga e Jorge Amado, entre outros. Ao repetir, insistentemente, alguns escritores, a UFMG acaba por limitar a inserção não só de obras novas, como também de outras obras de escritores considerados importantes no cenário cultural brasileiro. Pois o arquivo, se esta palavra ou esta figura se estabiliza em alguma significação, não será jamais a memória nem a anamnese em sua experiência espontânea, viva e interior. Bem ao contrário: o arquivo tem lugar em lugar da falta originária e estrutural da chamada memória."⁴ Tentar ler o arquivo pelo anarquivo, leva-nos a perceber o que não se incluiu na listagem e então o arquivo é a ausência da memória, ausência da lembrança dessa ou daquela obra não indicada, que passará a constituir o que não se incluiu, portanto também o anarquivo.

Porém, faz-se necessário ressaltar que, da lista de escritores que apareceram uma só vez, constam nomes tais como, Cora Coralina, Campos de Carvalho, Márcio Sousa, Helena Morley, Luís Roncari e outros. Dessa forma, a COPEVE sugere a leitura e a discussão do cânone institucionalizado e também de obras pouco divulgadas ou nem citadas nos manuais de estudos

de literatura do Ensino Médio. A memória é retomada para que as obras contemporâneas possam ser lidas e, assim, o estudo sobre essas obras torna-se contemporâneo, evitando-se a sua cristalização e sua ida para o que chamaríamos de arquivo morto. Para Derrida, "se não há arquivo sem consignação em algum lugar exterior que assegure a possibilidade de memorização, da repetição, da reprodução ou da reimpressão, então lembremo-nos também que a própria repetição, e até mesmo a compulsão à repetição, é, segundo Freud, indissociável à pulsão de morte. Portanto, da destruição."⁵ A repetição de autores e obras garante a memória necessária para instauração do arquivo e percebemos que ele se faz via repetição compulsiva, como veremos no quadro 1.

QUADRO 1

Incidência de autores e obras ao longo dos trinta anos de vestibular unificado da UFMG

Número de autores indicados por três ou mais vezes	22
Número de obras indicadas pertencentes a esses autores	63
Número de indicações dessas obras, no todo	105
Número de autores indicados por duas vezes	10
Número de obras indicadas pertencentes a esses autores	15
Número de indicações dessas obras, no todo	20
Número de autores indicados uma só vez	52
Número de obras indicadas pertencentes a esses autores	50
Número de indicações dessas obras, no todo	50
Total geral de autores	84
Total geral de obras	128
Total geral de indicações de obras	175

A indicação de obras literárias suscita palavras como preservação, tradição, continuidade

⁴ DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. Uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 22.

⁵ DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. Uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 23.

e permanência. Nesse caso, o arquivo com o qual lidamos constitui-se por esse mesmo parâmetro e tem o intuito de preservar certos autores e obras, mantendo sua permanência em debates associados a outras obras, de preferência aquelas que também dialogam com a mesma tradição para que possa garantir sua continuidade.

Por meio da análise dessa lista de obras, podemos nos preocupar com a acusação de falocentrismo, dirigida ao cânone. Observando a comparação das indicações de obras e autores quanto ao gênero, obtivemos o Quadro 2, que confirma tal acusação.

QUADRO 2

Diferença entre o número de autores e autoras e entre o número de obras indicadas desses autores e autoras

		Autores	Autoras	Diferença
Total de autores indicados	84	72	12	60
Total de obras indicadas	128	112	16	96
Total de indicações ⁶	175	155	20	135

Há, indiscutivelmente uma pulsão de preservação de obras masculinas que coloca em detrimento as obras de autoria feminina e há também mais obras masculinas do que femininas pela própria contingência do sistema falocêntrico e patriarcal da cultura ocidental. Pode ser também por isso, que há mais indicação de autores do que de autoras na lista de vestibular. No entanto, não podemos deixar de perceber o sintoma da pulsão agônica de morte entre autoras e autores e suas obras, no exato momento em que algumas não são lembradas ou colocadas em debate e outras, sobrevivem e perpetuam, no embate pela perenidade e pelo direito à permanência no arquivo.

⁶ Consideramos como indicação a incidência de autores e obras, ao longo dos trinta anos de vestibular unificado da UFMG.

Essa abertura torna-se importante quando analisamos o cenário ocidental da literatura em se tratando da escolha de obras de autoria feminina. Por exemplo, na lista de vinte e seis autores canônicos, organizada em *O cânone ocidental* por Bloom⁷, tendo Shakespere como centro, figuram três mulheres, Jane Austen, Emily Dickinson, Virgínia Woolf.

Também ao observarmos a lista de Leyla Perrone-Moisés⁸, em *Altas literaturas* notamos que foram escolhidos por ela oito escritores-críticos, todos homens. Na lista geral das 224 escolhas de autores desses escritores-críticos, há apenas uma mulher indicada, por Otavio Paz: Soror Juana. Esse cânone pouco representativo do ponto de vista feminino revela por si mesmo, que o falocentrismo está presente no pensamento literário ocidental. Se compararmos essa lista de 224 escritores contendo apenas uma escritora e a lista de Bloom com a lista de escritores nos trinta anos de Vestibular da UFMG, veremos que essa instituição contempla melhor as obras de autoria feminina: são 71 autores para 12 autoras.

Outro dado que ficou arquivado é que a porta para o acesso da obra à consagração, via vestibular, é estreita para o gênero conto e estreitíssima para a crônica. Em se tratando de conto, foram doze autores indicados, com dezesseis obras, que perfazem um total de vinte e duas das 175 indicações. No caso da crônica, apenas Rubem Braga, com uma única obra, *Ai de Ti, Copacabana*, foi indicado. O texto curto, leve e condensado parece ser uma preferência contemporânea. O mesmo vale para o conto. No entanto, o conto e a crônica vêm sendo menos indicados. Junto com a reduzida frequência de recomendação de poesia (vinte e oito indicações ao todo), contos (vinte e uma indicações) e teatro (treze indicações), vimos que a canonização é feita também por gênero. Existe uma preferência pelo gênero narrativo em prosa já que 134 das

⁷ BLOOM, BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

⁸ PERRONE-MOISÉS, 1998.

175 indicações confirmam tal observação: 21 indicações de conto, 01 de crônica e 111 de romance/novela/diário, memórias/idílio. Em se tratando de poesia, é necessário ressaltar o caráter épico de 12 das 28 indicações para o concurso.

Em 1984, Italo Calvino delineou seis propostas para a obra literária alcançar sucesso e seduzir o leitor, no terceiro milênio. Ele defende que o texto capaz de exercer sedução sobre o leitor, neste milênio, deveria atender a seis princípios: *leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência* (o autor faleceu antes de desenvolver o último princípio).

A sexta proposta de Calvino, a *consistência*, não foi desenvolvida, o autor faleceu antes de concluir seu trabalho. Piglia propôs-se desenvolvê-la como sendo "la distancia, el desplazamiento, el cambio de lugar. Salir del centro, dejar que el lenguaje hable también en el borde, en lo que se oye, en lo que llega de otro."⁹ Isso significa permitir que as vozes periféricas façam parte do arquivo e possam narrar a memória, que as vozes autorizadas não podem retomar, devido à posição centralizada que ocupam. Significa dar voz ao outro. Por isso, Piglia propõe-se a elaborar a *consistência* "desde Buenos Aires, escrita desde [ese] suburbio del mundo", ¹⁰ "desde el borde de las tradiciones centrales, mirando al sesgo", ¹¹ porque essa posição descentralizada permitiria uma visão específica e diferente das posições dos grandes centros hegemônicos, que têm definido a trajetória do cânone literário ocidental e, por isso, o destino das obras literárias. E de seu arquivo ou anarquivo. O distanciamento do centro, isto é, a valorização das obras literárias das culturas marginalizadas, daria ao cânone a possibilidade de ser mais representativo, por isso, mais consistente, como deixa sugerido Calvino em sua anotação para o desenvolvimento da sexta proposta. Com certeza, o arquivo seria alterado. Mas mesmo assim, isso não garantiria a sua reutilização como bem cultural e a sua mobilização para os debates do tempo presente. Por isso,

⁹ PIGLIA, Ricardo. < www.clarin.com.ar/diario/especiales/viva99>.p.3.

¹⁰ PIGLIA, Ricardo. < www.clarin.com.ar/diario/especiales/viva99>. p.1.

¹¹ PIGLIA, Ricardo. < www.clarin.com.ar/diario/especiales/viva99>. p.1.

é importante a contribuição dos Estudos Culturais para a literatura através da possibilidade da releitura e da valorização de muitas obras novas, já esquecidas ou não tão evidenciadas. As obras canônicas formam uma ordem ideal entre si que “só se modifica pelo aparecimento de uma nova (realmente nova) obra entre eles”.¹² Quando a UFMG, através de seu vestibular, apresenta um conjunto de obras literárias com diferentes graus de canonização entre si, para o mesmo concurso, ela oferece a possibilidade de leitura do passado sincronicamente articulado com o novo, o que reflete, também, o pensamento contemporâneo da crítica.

Por isso, a indicação das obras da tradição comparadas às novas e descentralizadas, mantém o cânone e possibilita avaliar o destino da literatura, que é estar sendo sempre renovada, evitando que se transforme em objeto de culto de um grupo restrito que pretende, a partir de certo cânone, imobilizar e anarquizar certos textos, em nome da originalidade, dos critérios arbitrários de valor, da influência e do centramento, aspectos insustentáveis na contemporaneidade, em que os signos se dobram sob a interação com o leitor e com o escritor, para produzir a transitoriedade dos sentidos.

Referências Bibliográficas

1. BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.
2. DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. Uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
3. ELIOT, T.S. *Ensaio*. São Paulo: Art, 1989. P.37-48: Tradição e talento individual.

¹² ELIOT, T.S. *Ensaio*. São Paulo: Art, 1989. P.37-48: Tradição e talento individual. p. 39.

4. OLIVEIRA, Leni Nobre. *O vestibular como espaço de canonização da literatura brasileira*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teoria da Literatura. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
5. PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998a.
6. PIGLIA, Ricardo. < www.clarin.com.ar/diario/especiales/viva99 >.